



08, 09, 10 e 11 de novembro de 2022
ISSN 2177-3866

CLASSES SOCIAIS E RELAÇÕES DE TRABALHO: UMA ANÁLISE DO FILME CASA GRANDE

BRUNO HENRIQUE PAIS SILVA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

AMANDA RIBEIRO DA LUZ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

VIVIAN TAVARES DELLA VALENTINA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL (PUCRS)

BIANCA SPODE BELTRAME

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

LUISE BITTENCOURT PERES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

CLASSES SOCIAIS E RELAÇÕES DE TRABALHO: UMA ANÁLISE DO FILME *CASA GRANDE*

INTRODUÇÃO

Um recorte puramente econômico encobre a dinâmica interna e complexa das classes sociais. O discurso neoliberal prefere a compreensão de que, tão somente, os aspectos relacionados com a renda e o consumo prescrevem e enquadram pessoas nas classes sociais às quais pertencem. Nesse sentido, ganha espaço público a compreensão de que os aspectos materiais e de propriedade, visíveis e palpáveis, são a forma de contar o quanto se pertence à uma classe social e não à outra. Porém, os limites entre classes sociais não possuem linhas bem marcadas, uma vez que aspectos invisíveis também as constituem e, invariavelmente, a pertença de algumas pessoas em detrimento de outras nestas. Souza (2012, 2018), partindo de Bourdieu, chama esses aspectos de herança imaterial, invocando disposições previamente incorporadas seja pela origem, socialização familiar ou cultural, acesso aos capitais impessoais, que contribuem para uma distinção social entre classes para além de aspectos materiais, econômicos, renda e consumo - desmistificando o discurso neoliberal.

Dessa forma, a herança material e a herança imaterial contam para o enquadramento de diferentes pessoas em diferentes classes sociais, sendo estas a ralé estrutural, os batalhadores, a classe média - subdividida em massa da classe média e alta classe média -, e a elite (SOUZA, 2012, 2018). Essas classes são interdependentes e, pode-se dizer, se necessitam para sua própria reprodução, principalmente, no que compete às relações de trabalho. Combinando herança material e imaterial nas diferentes classes sociais, temos as que são menos favorecidas pelos capitais e as que são mais favorecidas, assim as classes mais favorecidas, como a classe média e elite, usualmente utilizam seu capital econômico para comprar o tempo daqueles das classes menos favorecidas, os batalhadores e a ralé, usufruindo do trabalho menos remunerado para manter seus capitais – especialmente cultural e social – e garantir sua reprodução social nas classes favorecidas.

A construção da classe média brasileira e a maneira como ela e as classes dominantes reproduzem um sistema com herança escravocrata, descendente do colonialismo, para e com as classes inferiores (SOUZA, 2018) é foco para se pensar relações de trabalho. Esse olhar é perpassado por inúmeros debates que trazem a reflexão da herança escravocrata deixada na sociedade brasileira pós-abolição. Desse modo, o filme *Casa Grande* mostra-se com uma narrativa instigante para buscar compreender e elucidar o momento sócio-histórico do país e apontar os tais traços coloniais fortemente marcados nas relações de trabalho atuais - entre classes. É interessante observar que o próprio nome que intitula o filme evidencia uma crítica referente à dicotomia entre *Casa Grande* e *Senzala*, que marcou o Brasil colônia. A pertinência do título merece essa análise, assim como vários tantos reflexos da realidade brasileira interpretados no filme: origem, socialização, distinção social e acesso às capitais impessoais em diferentes classes; privilégios herdados pelas classes médias e dominantes; as relações de trabalhos extra classes dominantes e batalhadores. Assim, o objetivo do presente artigo é através de uma análise fílmica de "Casa Grande" dialogar sobre os elementos que constituem as classes sociais e as relações de trabalho no contexto brasileiro.

TEORIZAÇÃO

Essa seção apresenta as referências teóricas utilizadas nesse trabalho. Duas obras de Jessé de Souza - *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* e *A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade* - possuem

contribuições importantes no que compete às classes sociais, por isso são os recortes do autor que explicam o entendimento de classes sociais atribuída para este trabalho. Em um primeiro momento, discorre-se sobre as classes sociais do Brasil e a discussão de classe para um recorte além do aspecto econômico, evidenciando a herança imaterial como um elemento importante para a compreensão da dinâmica interna [e complexa] das classes sociais. Ainda, se categoriza as classes sociais como a ralé estrutural, os batalhadores, a classe média e a classe alta ou elite (SOUZA, 2012). Em um segundo momento e por último, as relações de trabalho ante a tradição escravocrata e o colonialismo presente no contexto brasileiro.

Mais do que um recorte econômico: a ralé estrutural, os batalhadores e as classes dominantes.

O segredo mais bem guardado da dominação social do capitalismo se refere às classes sociais. Apesar da ampla divulgação destas como um recorte puramente econômico, compreensão dotada de um discurso neoliberal, Souza (2012) alerta para o fato de que existem outros elementos, para além da renda, que compõem essas categorias de diferenciação entre indivíduos. Explicar as classes sociais unicamente pela renda é encobrir contradições e ambiguidades de um contexto em ebulição (SOUZA, 2012), consequentes do regime de acumulação flexível, o capitalismo financeiro para Souza (2012).

O economicismo liberal entende a realidade das classes sociais apenas “economicamente” como uma relação entre renda e padrões de consumo, valorizando, essencialmente, os aspectos materiais e de propriedade que são visíveis e palpáveis para diferenciar indivíduos entre as classes existentes. Essa visão acaba reduzir - ou mascarar - a complexidade da dinâmica interna das classes sociais (SOUZA, 2012), onde subjaz sua verdadeira explicação. De certo modo, o que o discurso neoliberal faz é “dizer” que existem classes e negar, no mesmo movimento, a sua existência ao vincular classe à renda” (SOUZA, 2012, p. 22). Ou seja, se desconsidera os aspectos invisíveis ou imateriais que também constituem à renda, como as condições sociais, culturais, morais e emocionais, a origem, a socialização familiar e o acesso aos capitais pessoais. Dessa forma, pensar classes sociais não é somente dispor da herança material, mas, principalmente, dispor de herança imaterial. Não levar em conta esses elementos invisíveis - herança imaterial - significa contribuir, veladamente, para a reprodução de desigualdades sociais, através do esquecimento do social e discurso neoliberal de meritocracia (SOUZA, 2012).

A herança imaterial é aquela que vai permitir relações sociais privilegiadas e, inclusive, permitir a reprodução do próprio capital material (SOUZA, 2012). Mais do que herdar objetos materiais, é herdar o estilo de vida, a naturalidade, a visão de mundo concebida a partir da socialização econômica, cultural e familiar que se objetivam, na realidade social, em privilégios de maior e menor medida, ou, ainda, ausência deles. Portanto, ter “apenas” dinheiro não irá conferir a um indivíduo ou grupo social a distinção que as classes sociais mais altas exigem. Ou seja, a ascensão material não está diretamente relacionada com a distinção social - nesse ponto reside a crítica de Souza (2012) ao chamar de batalhadores o que os economistas liberais chamam de nova classe média.

Portanto, a origem, a socialização familiar e o acesso aos capitais pessoais são essenciais para distinguir as pessoas entre os grupos sociais, ainda que tenham ou não a renda que o faça pertencer. Por exemplo, “os privilegiados podem se reconhecer nas roupas que vestem e nos vinhos que tomam” (SOUZA, 2012, p. 49) e isso os diferencia visualmente do gosto popular, no caso exemplificado, para roupas e vinhos. O “gosto” é uma dimensão estética - externa e corporal - e moral, que abarca “um estilo de vida e espelha todas as escolhas que dizem quem a pessoa é ou não é em todas as dimensões de vida” (SOUZA, 2012, p. 49). Isso passa a validar a diferença entre “o nobre e o bruto”, “o superior e inferior” (SOUZA, 2012, p.

49) e o “sujo e o limpo” (SOUZA, 2012, p. 184), nesse último caso trazendo o marcador raça e a discussão do processo de embranquecimento.

Os capitais pessoais constituem a hierarquia social e são apropriados de forma diferentes por cada classe social, os capitais são: o econômico e o cultural, principalmente, e para um grupo social específico, o familiar. O capital econômico se refere aos recursos materiais, rendas e posses, sendo o “privilegio mais assentado das classes mais altas e poderosas” (SOUZA, 2012, p. 48), portanto, de acesso mais exclusivo e restrito a uma pequena parte da população. O capital cultural contempla o conhecimento técnico e escolar formal, sendo o “locus privilegiado das classes médias” (SOUZA, 2012, p. 48). O capital familiar, de acesso específico dos batalhadores, é responsável pela “transmissão de exemplos e valores do trabalho duro e continuado, mesmo em condições sociais muito adversas” (SOUZA, 2012, p. 50) ou “ética no trabalho” (SOUZA, 2012, p.51).

As classes sociais, definidas por Souza (2012) como a ralé, os batalhadores, a classe média e a classe alta ou elite, se relacionam de diferentes formas com os capitais pessoais apresentados acima, sendo isto que as diferencia sob ótica imaterial. Enquanto a classe média e a elite combinam o capital econômico e cultural; os batalhadores se apropriam do capital familiar. De forma oposta, a ralé não só não possui os capitais pessoais, como também, é “desprovida, *esse é o aspecto fundamental*, das precondições sociais, morais e culturais que permitem essa apropriação” (SOUZA, grifo do autor, 2012, p. 25). Ou seja, o acesso (ou não) aos capitais pessoais diferenciam (in)visivelmente uma classe da outra para além de uma questão econômica entre renda e padrão de consumo - previsto pelo discurso neoliberal, “que mais encobre do que explica” (SOUZA, 2012, p. 47).

O Quadro 1 apresenta uma síntese das classes sociais explicadas acima - ralé estrutural, batalhadores e classes dominantes - enfatizando: quem são, constituição familiar, percepção sobre o trabalho e de si para com ele, capital envolvido e relação com o tempo. As descrições em cada campo pertencem a Souza (2010, 2012 e 2018) com pequenas adaptações.

Quadro 1 - Síntese das Classes Sociais para Souza (2010, 2012 e 2018)

	Ralé estrutural	Batalhadores	Classes dominantes - média e alta
Quem são	Classe vítima abandono social e político. Se caracteriza por uma cisão que corta essa classe ao meio entre pobres honestos e pobres delinquentes. Marginalizados e percebidos no debate público como indivíduos perigosos ou perigosos. Possuem incapacitações que vão muito além da falta de oportunidades econômicas - violência, problemas de escola pública, carência de saúde pública e etc. Porém, isso não as exime	A “elite da ralé”, capaz de ascensão social desde que haja capacidade de qualificação e inserção produtiva. Dessa forma, é o grupo social que emergiu da ralé. A ascensão se deve à custa do extraordinário esforço: à sua capacidade de resistir ao cansaço de vários empregos e turnos de trabalho, à dupla jornada na escola e no trabalho, à extraordinária capacidade de poupança e de resistência ao consumo imediato e, tão ou mais importante que tudo que foi dito, a uma extraordinária crença em si mesmo e no próprio trabalho.	Classes que possuem privilégio social, ou seja, com acesso indisputado e legitimado a tudo aquilo que a maioria dos homens e mulheres mais desejam na vida em sociedade: reconhecimento social, respeito, prestígio, glória, fama, bons carros, belas casas, viagens, roupas, vinhos, mulheres bonitas, homens poderosos, amigos influentes e etc.

	completamente da possibilidade de ascensão.		
Constituição familiar	Família monoparental com mudança frequente do membro masculino. Problemas de alcoolismo e abuso sexual.	Família “estruturada” e estável (com pelo menos um dos pais sendo capaz de ser fonte moral e provisão econômica, mesmo que a renda familiar seja baixa), o que significa mais segurança para lidar com as situações do cotidiano.	Família “estruturada” com a incorporação de papéis familiares tradicionais de pais e filhos bem desenvolvidos e atualizados, com renda familiar proveniente de trabalhos qualificados/relacionados com capital cultural e social adquiridos.
Percepção sobre o trabalho e de si para com ele.	Trabalhos precários e manuais, não valorizados socialmente	“Ética no trabalho”: necessidade de sobrevivência, estudo e trabalho (escolhas pré-escolhidas). Acreditam em si mesmos, em suas chances de ascensão por meio de seu próprio esforço e trabalho duro. Internalização e incorporação - tornar-se corpo, automático - de: disciplina, autocontrole e comportamento e pensamento prospectivo. Tipo de trabalho técnico, pragmático e ligado a necessidades econômicas diretas. Inexiste o “privilegio da escolha”. “Escola da vida”.	“Ética no trabalho” concebida pela “ética no estudo” - com o prolongamento natural. Sua ascensão social se apoia nos laços sociais e conhecimento adquirido devido ao estudo. Acreditam no discurso liberal de meritocracia no trabalho. Trabalhos qualificados.
Capital pessoal envolvido	Desprovidos de capital econômico, cultural, social e familiar.	Capital econômico e cultural transmitido é mínimo. Se diferenciam - da ralé e das classes dominantes - por possuírem o capital familiar.	Acesso aos capitais pessoais econômico e cultural. Sendo o capital cultural lócus das classes médias e o econômico das classes altas.
Relação com o tempo	Refém do presente eterno: o pão incerto de cada dia e dos problemas que não podem ser adiados. Prisão do presente sempre atualizado como necessidade premente.	Pensamento prospectivo. Capacidade de planejar a vida e de pensar o futuro como o mais importante que o presente.	“Dominam o tempo”: poder esperar e se preparar para o futuro.

Fonte: adaptado de Souza, 2012.

O Quadro 1 dispõe informações conceituais das classes sociais pensadas por Souza (2010, 2012, 2018), porém se pode perceber que, propositalmente, as classes médias e a classe

alta foram tratadas juntamente. Isso se deu como forma de demonstrar as principais características sobre as classes dominantes, tornando de fácil entendimento como estas se diferenciam das classes que as antecedem - ralé estrutural e batalhadores. Ou seja, se pretendeu apresentar uma relação entre “características superiores e inferiores”. Dito isso, nesse momento se debruça sobre uma parte das classes dominantes, a classe média, que se divide, para Souza (2018) em massa da classe média e classe média alta - tem-se, portanto, uma ordem: ralé estrutural, batalhadores, massa da classe média, classe média alta e classe alta ou elite.

Souza (2018) aponta a formação da classe média brasileira a partir da herança escravocrata no país, explicitando que as classes sociais não são definidas apenas pelo capital econômico, mas um conjunto de capitais, os quais a denominada ralé, principal classe descendente de escravos, não possui, e a classe de batalhadores se baseia no capital familiar, mas também desprovida dos demais capitais. Assim, a herança escravocrata não está apenas na fração excluída da sociedade, a ralé, mas sim em toda a classe popular, marcando a relação entre a classe média, batalhadores e ralé. Nesse sentido, a seção a seguir se aprofunda no histórico escravocrata e no colonialismo nas relações de trabalho.

Relações de trabalho: herança escravocrata e outros marcadores sociais

No intuito de compreender a conjuntura atual que perpassa as classes sociais, precisamos nos atentar a forma como elas são estruturadas e a maneira que são separadas, para além de um recorte puramente econômico. Nesse sentido, nos atentamos para o olhar de Jessé de Souza (2018) para a construção da classe média brasileira e a maneira como ela e as classes dominantes reproduzem um sistema com herança escravocrata descendente do colonialismo.

Historicamente, a escravidão foi a principal forma de trabalho no Brasil, durante o período em que o país foi colônia de Portugal e no período pós-independência. Por mais de 300 anos o trabalho escravo permaneceu como base da economia brasileira e deixou uma herança que transmite o racismo em todas as esferas da organização social do nosso país. Esse racismo estrutural está presente principalmente nas relações de trabalho, uma vez seus descendentes não foram inseridos socialmente e não obtiveram oportunidades para desenvolvimento socioeconômico. Segundo Aníbal Quijano (2000), a modernidade pode ser considerada um eixo do capitalismo eurocêntrico e entendida como “a fusão das experiências do colonialismo e da colonialidade com as necessidades do capitalismo, criando um universo específico de relações intersubjetivas de dominação sob uma hegemonia eurocentrada” (Quijano, 2000, p. 343).

Conforme aponta Pochmann (2012), mesmo com a transição do trabalho escravo para o trabalho livre, o cenário era predominante de pouco acesso a direitos básicos, inexistência de políticas que promovessem a inclusão nos diversos âmbitos sociais e o acentuamento da desigualdade social e de renda. Neste sentido, mesmo com o trabalho livre, não houve um encerramento das atividades servis, na época expressas nas formas de criadagem e na prestação de serviços domésticos. Ou seja, a maneira as classes dominantes e as classes médias e altas se apropriam de um sistema desigual, ao mesmo tempo em que contribuem para alimentar relações de trabalho e sociais coloniais, postulando uma herança escravocrata a partir da exploração e da obtenção e resguardo de seus próprios privilégios.

Além da cor da pele e da renda, que vão demarcar estruturas de oportunidade na organização social brasileira, é por meio do acesso ao conhecimento útil e do trabalho valorizado que o poder é direcionado e acumulado pelas classes dominantes. Dessa forma, o que o autor fundamenta é que ainda que o conhecimento da classe média real seja mais valorizado, em função de sua escassez e do tempo livre requerido para a sua incorporação, os trabalhadores também têm acesso ao conhecimento útil, porém menos valorizado e legítimo e é por meio desse conhecimento que permite a classe trabalhadora lutar por melhores empregos no mercado de trabalho. No entanto, estes estão fora do mercado de trabalho competitivo por falta das condições prévias mínimas para a incorporação de qualquer conhecimento útil de fato,

o que resulta numa fragilidade e numa superexploração pela própria classe média (POCHMANN, 2012).

Com a falta do acesso ao conhecimento útil, o negro e seus descendentes vão se somar aos esquecidos e humilhados de todas as cores e formar uma classe específica que se desenvolve no capitalismo da periferia: a ralé brasileira e parte dos batalhadores que lutam por melhores condições de vida. Para o Souza (2018) imaginar que a sociedade brasileira é comandada apenas por imperativos pragmáticos e econômicos, é não compreender o principal sobre a vida social. Em sua argumentação, ele aponta que os mecanismos simbólicos de distinção social são tão importantes quanto os estímulos econômicos (SOUZA, 2018, p.78).

De acordo com Souza (2018) as formas de exploração econômica da classe de despossuídos permanecem no novo contexto e se acentuam. Se antes lhes era dificultado o acesso à terra, agora se dificulta o seu acesso ao conhecimento e ao capital cultural e social, o recurso mais importante das classes não proprietárias. E não mais apenas a cor da pele – ainda que esta continue a ser alvo de ação insidiosa, sob a forma de desprezo e animalização –, “o que exclui essa classe do mercado de trabalho competitivo e a coloca à mercê de formas de exploração pessoal que asseguram a continuidade da escravidão sob outras vestes” (SOUZA, 2018, p.78).

Nesse sentido, como o bom aproveitamento escolar exige pressupostos normalmente invisíveis – como atenção, foco, concentração, disciplina, autocontrole e outros – Souza (2018) argumenta que os filhos da classe média já entram como vencedores no sistema escolar, ao passo que os filhos da classe dos marginalizados chegam como perdedores em tenra idade, mesmo que não haja nenhum tipo de responsabilização por isso. Muitos acabam deixando ou saindo da escola despreparados e incapazes de participar do mercado de trabalho competitivo, restando para eles depender do emprego de sua própria energia muscular, da mesma forma que os escravos.

Nesse sentido, desponta o trabalho doméstico como uma resposta a esse contexto. De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) o Brasil é um dos países que mais empregam trabalhadores domésticos. Conforme aponta o Instituto, em 2018, 6,2 milhões de pessoas desempenhavam tarefas domésticas sob remuneração. Esse ofício abrange atividades como as de diaristas, babás, jardineiros, cuidadores, caseiros e motoristas. Deste universo, 5,7 milhões, ou seja 92% são mulheres, das quais 3,9 milhões são pretas, ou seja, o trabalho doméstico hoje no Brasil tem gênero e tem cor. No Brasil, o trabalho doméstico é predominantemente exercido por mulheres oriundas de famílias pobres e que possuem baixa escolaridade e, portanto, associado a uma ocupação precária, desgastante, de baixa qualidade, sem proteção social já que carrega consigo traços das relações de trabalho coloniais. É comum as empregadas domésticas serem descendentes de escravos, enquanto os seus empregadores têm ascendências europeias (HARRIS, 2007). Com o fim da escravidão, sem qualquer tipo de política de inserção dessas pessoas no mercado de trabalho, o que ficou disponível foram as atividades informais ou a continuidade do trabalho doméstico.

Desta forma, o trabalho doméstico vai sendo construído como uma das principais opções de trabalho para essas mulheres, principalmente as descendentes de escravos. É nessa relação que se aponta a relação histórica estabelecida entre os seguintes marcadores sociais da diferença: raça, gênero e etnia.

PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo se caracteriza como abordagem qualitativa do tipo descritiva, uma vez que possui características com enfoque em interpretação, observação e descrição do objetivo da pesquisa - *através de uma análise fílmica de "Casa Grande" dialogar sobre os elementos que constituem as classes sociais e as relações de trabalho no contexto brasileiro*. A pesquisa

qualitativa preocupa-se com o estudo das relações sociais ao compreender a pluralização das esferas da vida (FLICK, 2009). No intuito de aproximar a arte do cinema com o campo das relações de trabalho, propõe-se neste artigo realizar uma análise fílmica do filme “Casa Grande” como um recurso analítico e metodológico capaz de explicar o fenômeno social das relações de trabalho no contexto brasileiro.

De acordo com Huczynki e Buchanan (2004), os filmes podem ser compreendidos enquanto reflexos da realidade social ou até mesmo como artefatos culturais que constituem nosso entendimento social e organizacional. A análise fílmica, ainda pouco utilizada no campo da Administração, se mostra um método analítico capaz de associar as representações fílmicas à realidade do mundo do trabalho (SCHERDIEN; BORTOLINI; OLTRAMARI, 2018). Desse modo, nossa escolha se molda no entendimento de que um filme é um produto cultural inscrito num determinado contexto sócio-histórico capaz de representar a realidade do mundo ao nosso redor (VANOYE, GOLIOT-LETÉ, 1994).

Conforme apontado pelos autores Vanoye e Goiliot-Leté (1999) referência no método, uma análise fílmica se constrói a partir de dois momentos: o primeiro sendo a decomposição do filme em seus elementos constitutivos e o segundo o restabelecimento dos elos entre esses elementos constitutivos a partir da perspectiva de quem analisa. Deste modo, o método requer alguns procedimentos sistemáticos, de ida e vinda da obra permitindo identificar os seus detalhes. Para Penafria (2009) o que distingue uma crítica de filme para uma análise fílmica é a decomposição do mesmo. Enquanto a crítica tem como o único objetivo avaliar ou atribuir um juízo de valor a um determinado filme, a análise fílmica tem o intuito de explicar e/ou esclarecer o funcionamento do filme propondo uma interpretação.

A análise fílmica implica em duas etapas importantes: primeiro a decomposição do filme, ou seja, a descrição do mesmo e, segundo a compreensão das relações entre os elementos decompostos, ou seja, a interpretação (PENAFRIA, 2009). Dessa maneira, nossa análise foi organizada à luz de Scherdien, Bortolini e Oltramari (2018) da seguinte forma: a) decomposição do filme; b) escolha das cenas a serem analisadas com base no referencial teórico previamente estabelecido; e c) utilização de fotogramas do filme disponíveis na internet resguardado pelos direitos autorais.

O processo de **decomposição** recorre a conceitos relativos à imagem, ao som e à estrutura do filme, composto pelos planos, cenas e sequência do longa (PENAFRIA, 2009; SCHERDIEN, BORTOLINI, OLTRAMARI, 2018) e se deu a partir de idas e vindas de acesso ao filme. O filme foi assistido diversas vezes individualmente pelos autores do trabalho e também coletivamente. As sessões individuais, refere-se aos momentos em que os pesquisadores assistiram ao filme em suas próprias residências, anotando as impressões e os questionamentos que tiveram assistindo ao filme. Nesta etapa, os autores apontaram e destacaram trechos que consideraram importantes, *insights* que tiveram na sequência do longa e os possíveis apontamentos à teoria previamente estabelecida das obras de Jessé de Souza. Já as sessões coletivas, devido a pandemia instaurada pelo COVID-19, também ocorreram em domicílio, com o auxílio de uma ferramenta de extensão do navegador da web “*Metastream Remote*” que possibilitou que os autores pudessem assistir ao filme em concomitância. Na sessão coletiva, com o auxílio da ferramenta, os autores puderam comentar e pausar o filme simultaneamente, sempre que necessário.

Após a sessão coletiva, os autores apontaram os novos olhares que tiveram ao assistir ao filme coletivamente e discutiram teoricamente as obras de Jessé de Souza e os entrelaçamentos com o longa-metragem. Nesta discussão, foram selecionadas as **cenas do filme** que seriam analisadas com profundidade. Após a seleção, os temas foram escolhidos para a análise desse trabalho associando as ações narrativas do filme com a teorização. Desse modo, as categorias abordadas neste trabalho foram: as classes sociais e seus capitais, a alta classe média brasileira, e o histórico escravocrata presente nas atuais relações de trabalho. Por último,

com relação à escolha dos **fotogramas**, utilizou-se fotografias que se encontravam públicas na internet. Assim, foram selecionadas 5 fotografias, encontradas em sites de críticas e resenhas especializadas em cinema. Destaca-se que neste trabalho priorizamos a análise da estrutura narrativa do filme, conforme indicado por Scherdien, Bortolini e Oltramari (2018) no intuito de descrever e recontar as cenas do filme escolhidas para integrar a análise da discussão teórica.

ANÁLISE FÍLMICA: “CASA GRANDE”

O filme conta a história de uma família classe média alta do Rio de Janeiro que vive uma vida afortunada até que se deparam com uma crise financeira, que os leva à falência. Hugo (pai), economista de formação, trabalha com um fundo de investimentos e Sônia (mãe) trabalha como professora particular de francês. O pai provê economicamente a família enquanto a mãe possui uma posição secundária nesse quesito. O casal possui dois filhos, Jean e Nathalie, que ocupam seu tempo com estudos e amigos, ambos adolescentes que estudam em escolas particulares. Nathalie, de 14 anos, não é o foco dos pais, sendo silenciada na maioria dos momentos em família; ao contrário, Jean é o filho superprotegido, e isso se evidencia ante o ano do vestibular. Moradores da Barra da Tijuca, possuem uma casa grande - a qual dá nome ao filme -, mais de dois carros, duas empregadas, Rita e Noêmia, e um motorista particular, o Severino. Jean possui uma relação de amizade com Severino e uma relação de interesse sexual com Rita, que mora numa casa à parte da casa grande - aludindo a uma senzala.

A vida de privilégios é marcada, no filme, por uma casa de 1.400m² com valor de mercado de 5 milhões de reais, com sistema de som e ar condicionado integrados, além de quintal com piscina e jacuzzi junto a um espaço para churrasco de picanha; por queijo *cottage* no café da manhã servido pelos empregados uniformizados; por motorista particular; e por escolas de alto padrão; são naturais para Hugo, Sônia e, principalmente, Jean e Nathalie. Porém, sempre mantendo as aparências, Hugo esconde da família a falência que o aflige. Sônia acaba por descobrir que a situação financeira da família não é a mesma e, então, em um embate com o marido sobre, tem essa confirmação. Os dois decidem esconder dos filhos a realidade econômica desfavorável que se aproxima. Hugo, orgulhoso, tem dificuldades de se situar nessa nova condição financeira, enquanto Sônia passa a procurar outras alternativas de renda para prover a família e passa a vender produtos de beleza como consultora.

Quando a necessidade de cortar custos se evidencia, o casal demite o motorista particular da família, o Severino, que trabalha há muitos anos na casa. Hugo omite esse fato quando é questionado por Jean, que sente a falta do amigo, mascarando como férias. Com isso, Jean passa a ir de ônibus para o colégio - sendo um divisor de águas no filme e na vida de Jean, pois permite que o menino conheça outras realidades [sociais]. Outros sinais de decadência da família aparecem ao longo do filme: o cuidado com o apagar da luz, não ligar a jacuzzi e ar condicionado - este último sendo substituído por ventilador -, atraso da mensalidade do colégio, recusa do cartão de crédito em uma festa e etc. Apesar disso, a vida de aparências é sustentada, principalmente, por Hugo, mesmo que este tenha esvaziado a poupança dos filhos e tenha assumido dívidas com terceiros. Hugo não aceita deixar seu currículo circular no mercado e, apesar da decisão de vender a casa, não diz isso abertamente, criando oportunidades para que a ideia da venda venha antes como a de um amigo corretor do que dele.

Entre idas e vindas para o colégio, agora em transporte público, Jean conhece Luíza, por quem passa a ter um relacionamento sério. Mesmo na condição de namoro, não deixou de visitar a empregada, Rita, com insistências sexuais. Jean ao se relacionar com Luíza passa a conhecer uma realidade de vida muito diferente da dele: novos espaços/territórios nunca visitados por ele, como bairros populares; a diversidade que compete a raça, uma vez que Luíza se configura como parda; divisões econômicas de classe que permitem acesso a diferentes escolas, diferentes formas de lazer, diferentes festas; entre outros. Na relação entre os dois jovens, que ocupam

espaço na trama, aparecem alguns debates como o de políticas afirmativas, discurso de mérito, feminismo e machismo.

O dia em que era para ser marcado como a oficialização do namoro por conta da visita de Luíza à casa de Jean - a Casa Grande -, foi também o dia em que se deu o término do namoro. Na data, Hugo e Sônia, estão recebendo um casal de amigos para um churrasco. O intuito desse encontro é escondido por Hugo: apresentar a casa ao amigo, que é corretor, para que surja, informalmente, a ideia da venda da casa. No momento de comer, onde todos estão reunidos na área de lazer da família, começa uma discussão sobre vestibular e, invariavelmente, sobre políticas afirmativas. Enquanto Hugo, Sônia e o casal de amigos se posicionam contra as cotas raciais, Luíza se posiciona a favor, debatendo de forma inteligente os motivos pelos quais essa política afirmativa deve ser considerada. Jean, não se posiciona, apenas imita as palavras do pai sem uma pré-reflexão. O presente dia, que deveria ser marcado pela apresentação da namorada aos pais, para Jean, se tornou um dia turbulento, se desencadeando em ordem: Jean e Luíza vão ao motel e, logo, término de namoro; Jean foge do motel, pois não tem dinheiro para pagar e, pulando o muro, entra em casa escondido; Jean e Hugo brigam verbal e fisicamente.

A trama se encaminha para o final quando chega o dia do vestibular. Hugo espera no carro lendo jornal, verificando as notícias do dia que não estão boas para seus investimentos, enquanto Jean faz a prova. Jean, após o sino que dá o início oficial ao vestibular, se inquieta e foge, como forma de resistência ou de insatisfação com o momento de vida em que se encontra. Ele pega uma van que o leva até o bairro onde mora o Severino e entre um pedido de ajuda e outro ele encontra a casa do amigo e da Noêmia. Lá ele conhece as filhas dos dois, que estão em casa estudando. Jean chora aos braços de Severino e passa a noite lá, no forró e com a Rita.

O referido filme é reflexo da realidade brasileira no que compete a diferença entre classes sociais. Junto a isso, saltam aos olhos as relações de trabalho marcadas por tais diferenças e, também, marcadas por traços coloniais, cultivados historicamente. Dito isso, a seguir, a partir de fotogramas, se analisa as diferenças entre classes sociais, se caracteriza a classe média alta e se discute as relações de trabalho entre classes junto aos marcos do colonialismo.

Classes sociais: para além de um recorte pela renda.

Como forma de contrastar as duas classes sociais em evidência no filme - batalhadores e classe média alta - os aspectos materiais aparecem à primeira vista. Porém, com o olhar atento junto ao suporte teórico de Souza (2012), os aspectos imateriais sobressaem, comprovando que o enquadramento em determinado grupo social está para além das condições econômicas. Diferente do que o discurso neoliberal considera, as classes sociais não se constituem simplesmente pela renda e padrões de consumo; mas sim, soma-se a isso os aspectos invisíveis: origem, socialização familiar e acesso aos capitais impessoais - a herança imaterial (SOUZA, 2012). Isso se objetifica como estilos de vida, visões de mundo e também “gostos” díspares, que dizem quem a pessoa é e não é, evidenciando a classe social que participa (SOUZA, 2012). No filme, isso se apresenta no embate da convivência entre batalhadores e classe média alta. Tem-se como batalhadores, os empregados Rita, Noêmia e Severino e, também, a Luíza, conforme é colocado sobre a realidade da menina; e como classe média alta a família composta por Hugo, Sônia, Jean e Nathalie.

O forró, conforme o Fotograma 1, se apresenta como um gosto popular que se contrapõe ao gosto sofisticado da classe média alta - no início do filme, Hugo, está escutando música clássica. O forró aparece em mais de um momento no filme, sendo um marco representativo para se pensar classe como um processo de socialização familiar e, claramente, como dimensão estética e moral. A cena representada pelo Fotograma 1 mostra Luíza no forró, dança a qual está habituada: sabe dançar, sabe cantar, o ritmo está corporificado na cena. Jean e os seus

amigos chegam ao forró, convite feito por Luíza, e os elementos estéticos se destacam. Os meninos, chegam desajeitados em um universo que desconhecem. Suas roupas são alinhadas, com cores neutras e “de marca”, enquanto o público do forró está mais à vontade, roupas coloridas e estampadas que condizem com forró e sua constituição por mistura de ritmos. É contrastante as figuras, estereotipadas pelo filme, entre meninos da classe média e público do forró - geralmente, batalhadores.

Fotograma 1 - Luíza dançando no forró enquanto avista Jean e os amigos



Fonte: cinematographecinemafilmes.wordpress.com

Antecedendo à cena representada pelo Fotograma 1, é Luíza quem convida Jean para comparecer ao forró e este, em função do interesse pela menina, aceita e, mais que isso, afirma gostar de forró. Porém isso não é verdade, uma vez que o menino, em cenas antes, demonstra não gostar do ritmo em uma conversa com Severino sobre como conquistar uma mulher. Dentre os conselhos de Severino, um deles se refere ao menino ir ao forró para conhecer tais mulheres. Jean reage ao conselho com desdém “mas também não vou no forró, né, olha a minha cara de quem vai no forró”. Severino questiona “algum preconceito com o forró?” e, por fim, Jean se explica “não, não é preconceito só é, não é meu estilo, sabe?”. Na cena em questão se pode perceber a contraposição entre “superior e inferior”, extremos validados pela herança imaterial que marca a diferença de classes sociais. Jean acha seu gosto musical superior ao forró, tido como um estilo musical popular. Na fala de Jean que explica o motivo pelo qual “não tem cara de quem vai ao forró” o menino utiliza a palavra “estilo” demonstrando o caráter invisível de uma socialização familiar e cultural muito diferente da de Severino, que não só vai ao forró e gosta de forró, como também canta forró.

A herança imaterial também diz respeito ao acesso aos capitais pessoais - econômico, cultural e familiar - que se dão de diferentes formas entre batalhadores e classe média - no filme, alta classe média. Severino é um típico batalhador, trabalha há muitos anos como motorista da família, chegando cedo e servindo aos patrões ao longo do dia. Pelo sotaque de Severino se percebe que ele migrou para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de trabalho. Quando Severino é demitido, logo, em outras cenas, aparece trabalhando como motorista de uma van intramunicipal, que também é uma prática laboral que se enquadra na “batalha” dos batalhadores. A casa de Severino - marido de Noêmia, apesar dos patrões não saberem - é uma casa simples, situada na periferia. Na cena em que aparece o espaço familiar de Severino e Noêmia, aparecem suas filhas estudando, fato que demonstra a transmissão do capital familiar, que enfatiza a importância do trabalho duro e estudo (SOUZA, 2012).

Ao contrário, enquadrado como alta classe média, Jean possui acesso ao capital econômico, pelo menos até o momento da falência da família, e ao capital cultural, este objetivado, principalmente, na escola particular e ao francês, formação de sua mãe. Mas, para

além desses aspectos formais, Jean é socializado em uma condição que lhe dá acesso cultural e isso é uma condição da classe média, que “se reproduz pela transmissão afetiva, invisível, imperceptível porque cotidiana e dentro do universo privado da casa, das precondições que irão permitir aos filhos dessa classe competir, com chances de sucesso, na aquisição e reprodução de capital cultural” (SOUZA, 2012, p. 24). Ou seja, “o filho ou filha da classe média se acostuma, desde tenra idade, a ver o pai lendo jornal, a mãe lendo um romance, o tio falando inglês fluente, o irmão mais velho ensinando os segredos do computador brincando com jogos” (SOUZA, 2012, p. 24). Os diferentes acessos ao capital cultural, principalmente, aparecem na cena representada no Fotograma 2.

Fotograma 2 - Hugo e Sônia conversando em francês, validação de cursos para o vestibular e reaprendizagem de Sônia para pronúncia em francês do nome de Jean



Fonte: deveserisso.com.br

Hugo e Sônia iniciam a referida cena com uma conversa em francês sobre as dificuldades financeiras que a família enfrenta. Sendo o francês a formação de Sônia, a família entende a língua, podendo se comunicar com fluência. Este é um capital cultural natural para eles. Porém, a conversa em francês se restringe somente à família, dentre as pessoas que compõem a casa - e isso exclui os funcionários, principalmente Rita que mora em um cômodo no quintal. Dessa forma, conversar em francês é uma estratégia para falar sobre assuntos que os empregados não podem saber, visto que estes [batalhadores] sem acesso ao capital cultural, não entendem a língua. Como o assunto, nessa cena, é a dificuldade financeira da família, se acentua o esconder dos empregados.

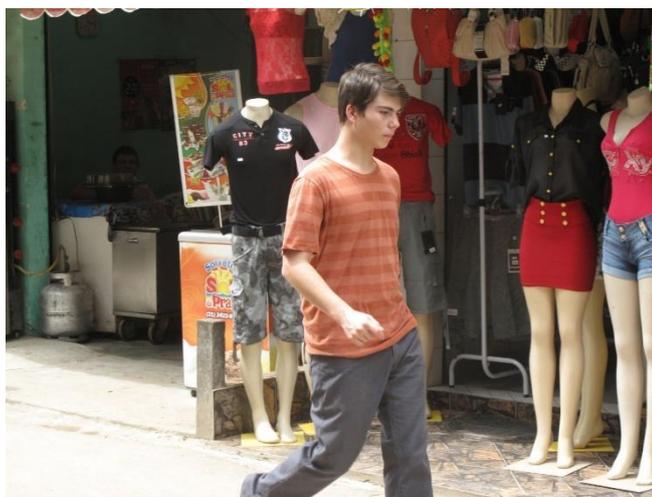
O telefone toca, e Rita atende a chamada de um amigo do Jean. A empregada ao chamar Jean pelo nome como forma de avisar sobre o telefonema é repreendida por Sônia, “Jean, Rita quantas vezes vou ter que te dizer: Jean!” [considerar aqui a forma francesa de pronunciar Jean] e Rita sem jeito responde: “ah dona Sônia, eu não sei falar essas coisas não”. Novamente aparece a distinção social consequência do acesso ou não ao capital cultural. Para Sônia a pronúncia do francês se dá de forma natural, assim como para Hugo, Jean e Nathalie, que não estranham a pronúncia; sendo isso consequência de uma herança imaterial: “o processo de identificação afetiva – imitar aquilo ou a quem se ama – se dá de modo ‘natural’ e ‘pré-reflexivo’, sem a mediação da consciência, como quem respira ou anda, e é isso que o torna tanto invisível quanto extremamente eficaz como legitimação do privilégio” (SOUZA, 2012, p. 24).

Durante esse mesmo jantar, Jean conta sobre como foi a escola e menciona sobre o vestibular e as preferências dos amigos por cursos específicos. Jean menciona que quer prestar vestibular para comunicação. No mesmo instante é repreendido pelo pai “comunicação é uma

piada, não é curso de gente séria. Que mais, só vai fazer isso?”. Hugo desqualifica o curso de comunicação como um curso que não dá dinheiro, ou seja, não reproduz o capital econômico conferido a família.

Ainda sobre classe, o Fotograma 3 evidencia uma discrepância estética entre o personagem e o fundo enquanto classe social; Jean e suas roupas - inclusive relógio - em um espaço onde subjazem lojas populares. Parece, de fato, que o menino não “combina” com o lugar onde se encontra, porém, mesmo que essa discussão seja válida, é a cena anterior a esta que será discutida.

Fotograma 3 - Jean chegando na periferia de ônibus para encontrar aconchego nos braços de Severino, o motorista



Fonte: adorocinema.com

Para chegar à periferia, onde está Jean na foto, ele precisou pegar um ônibus sem saber que estava sem dinheiro na carteira - algo incomum para ele antes da falência de sua família. Ao chegar na parada em que precisava descer, ele se depara com a carteira vazia. Ao ser pressionado pelo cobrador, Jean reage “pô, amigo, eu tô sem dinheiro nenhum cara, foi mal, só tenho 0,25 centavos” e o cobrador observa “com essa cara de playboy meu?” e, Jean novamente pede desculpas enfatizando que não sabia que estava sem dinheiro. Nessa cena muito mais do que o dinheiro, outros elementos se encarregam de dizer que alguém é de determinado grupo social (SOUZA, 2012). “Cara de *playboy*”, mesmo que sem dinheiro na carteira, é um rótulo para Jean, que se corporifica a partir de sua socialização econômica, cultural e familiar privilegiada.

Histórico Colonial

As relações de classe abordadas pelo filme apontam as desigualdades sociais escrachadas na sociedade brasileira, principalmente no que se refere à relação empregado e patrão. No entanto, o roteiro do filme avança em discussões pertinentes à questão racial e perpassa por inúmeros debates que trazem a reflexão da herança escravocrata deixada na sociedade brasileira pós-abolição. É interessante observar que o próprio nome que intitula o filme evidencia uma crítica referente à dicotomia Casa Grande e Senzala, que marcou o Brasil colônia. A pertinência do título além de evidenciar os privilégios herdados pelas classes médias e dominantes, aponta em suas cenas, o contraste entre a casa da família e o aposento dos empregados.

Apesar do título e da primeira cena do filme evidenciando a onipotente “Casa Grande”, a família de classe média alta está em ruínas e os impactos vão sendo apresentados no decorrer do filme. Acostumados a ter empregados domésticos e a viver no luxo, o modo de organização da família vai aos poucos sendo alterado devido à falência que instaura. O Fotograma 4 apresenta um dos marcos dessa "decadência" ao ver a empregada Noêmia pedir demissão após anos trabalhando para a família.

Fotograma 4 - Noêmia à esquerda e Rita à direita, ambas empregadas domésticas da casa grande



Fonte: Divulgação Trailer

Após a crise financeira instaurar na família, alguns sinais de “decadência” vão aparecendo no decorrer do filme: o corte da conta telefônica, o desligamento da hidromassagem e do ar condicionado, a demissão do motorista Severino (SOUZA, 2012) e o atraso do pagamento do salário de Noêmia. Devido ao trabalho acumulado após a demissão de Rita (outra empregada da casa), Noêmia sofre uma lesão nas costas e resolve conversar com sua patroa Sônia. A cena inicia com Noêmia sentada na mesa da cozinha dos empregados da casa enquanto Sônia a encara em pé. Visivelmente abalada, Noêmia pede a baixa da carteira para a patroa, que hesita imediatamente. Com um olhar triste e preocupado a empregada inicia a conversa justificando o acúmulo de função devido a demissão de Rita e a quantidade de trabalho exigida numa casa tão grande. Como justificativa, a patroa Sônia relata a dificuldade de encontrar alguém de “confiança” para trabalhar na casa grande. Além disso, também questiona o fato de Noêmia ter tomado a decisão de pedir a demissão sem antes avisá-la. Após ser questionada, Noêmia explica à patroa que já conseguiu uma vaga no mesmo condomínio para diarista. Nesse momento, Sonia interroga a empregada para descobrir quem é a atual patroa da Noêmia. Após Noêmia revelar o nome, Sonia diz “Não, lá você não vai trabalhar!” e como resposta, a empregada complementa: “Dona Sônia, faz três meses que o seu Hugo não me paga”.

O recorte dessa cena proporciona uma grande reflexão acerca da tradição escravocrata presente nas relações de trabalho no contexto brasileiro, principalmente na relação entre empregada doméstica e empregador. O sentimento de posse que Sônia tem por Noêmia fica explícita no diálogo das duas, uma vez que no imaginário da patroa é necessário que a empregada peça permissão para trabalhar em outra casa, mesmo que não haja pagamento pelo serviço prestado.

O cotidiano do trabalho dos empregados domésticos e das relações entre empregados e patrões são apresentadas durante todo o filme e através das cenas as pequenas ações dos patrões para com os empregados da casa vão evidenciando uma subordinação para além de um contrato

puramente de serviço doméstico. A linguagem dos patrões, somados aos olhares de desprezo e superioridade vão demonstrando uma relação que carrega traços coloniais, e que marginaliza esses trabalhadores não somente pela ação econômica, mas pelos hábitos, pelo acesso ao conhecimento, pelo sadismo.

Nas relações entre empregados domésticos e patrões, o roteiro do filme *Casa Grande* vai sinalizando reflexos de que a classe média brasileira herda o abuso e o sadismo de seus avós e não apenas explora economicamente as classes abaixo dela, mas faz questão de trazer a humilhação aos esquecidos e abandonados que não tem oportunidade de acesso ao conhecimento útil (SOUZA, 2018).

Somada a essa discussão, um outro ponto crucial nesta análise parte do próprio nome do filme "*Casa Grande*" referenciando aspectos coloniais na relação dicotômica *casa grande versus senzala*. O nome do filme carrega um significado que perpassa por uma contextualização histórica e que marca os modos de trabalho na atualidade. O Fotograma 5 representa as noites que Jean sai da *Casa Grande* e vai até os aposentos de Rita, que fica ao lado de fora e aos fundos da casa. Residindo no interior da casa, Rita vivencia a moradia na casa dos patrões e essa relação nos alerta para o fato de que o quarto da empregada é um resultado concreto dessa falta de estrutura que vitimou, não só a população negra no pós-abolição, mas os marginalizados de todas as cores que não tiveram oportunidades de mobilidade social. O quarto da empregada, assim como mostrado no filme, é o reflexo da senzala, e ele é literalmente esse reflexo ao pensarmos em sua estrutura, na sua arquitetura, e nas suas simbologias de poder e de controle que são expostos no filme.

Fotograma 5 - Jean à esquerda no quartinho da empregada, Rita à direita.



Fonte: Blog Pedagogia da Imagem

Uma discussão importante a ser realizada nesta cena refere-se a outro marcador social para além da marcação de classe, o marcador de gênero. O gênero pode ser compreendido como um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primária de significar as relações de poder (SCOTT, 1990). Nesta dimensão, a empregada doméstica carrega um imaginário social que está diretamente ligado a aspectos de gênero, uma vez que a histórica divisão social dos papéis que atribuiu a mulher advém da responsabilidade do trabalho doméstico e ao cuidado com os filhos e à uma construção social da mulher como objeto sensual e sexual (TEIXEIRA, CARRIER, MAFRA, 2014).

Essa construção da mulher enquanto objeto sexual é perpassada de maneira precisa para as mulheres que trabalham como empregadas. Conforme aponta Teixeira, Carrieri e Mafra (2014), a servidão - que advém de um passado escravocrata - traz um quê de fetiche sexual, uma vez que as violências de gênero tendem a tipificar a empregada enquanto objeto sexual. Essa relação está diretamente ligada à subalternidade do trabalho exercido que objetifica ainda mais as mulheres neste contexto por dificilmente serem consideradas sujeitas de direitos nas construções sociais, principalmente quando essas têm uma relação dependente dos patrões, como é o caso da personagem de Rita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de aproximar a arte do cinema com o campo das relações de trabalho, o objetivo deste trabalho foi realizar uma análise fílmica da obra “Casa Grande” como um recurso metodológico capaz de explicar o fenômeno social das relações de trabalho no atual contexto brasileiro. Os filmes podem ser compreendidos enquanto reflexos da realidade social e são ferramentas ricas que podem contribuir para nosso entendimento tanto da vida social, quanto da vida organizacional. Tendo em vista o quão importantes são os estudos que se debruçam sobre a cultura nacional, a proposta deste trabalho se sustenta pelo envolvimento de elementos artísticos articulados com pesquisas no campo das relações de trabalho.

A partir dos reflexos da realidade trazidos pelo filme Casa Grande somada à discussão realizada por Jessé de Souza (2016; 2018) sobre as classes sociais, foi possível refletir sobre (i) as diferenças entre classes sociais para além de um recorte econômico, (ii) a constituição da classe média e seus privilégios e (iii) as ocupações junto às relações de trabalho que perpassam as casas da classe média brasileira e enxergar as peculiaridades destas relações, marcadas por um contexto de exploração e dependência de uma classe para/com a outra. A análise fílmica, pouco utilizada no campo da Administração, demonstrou ser um método analítico capaz de associar as representações fílmicas à realidade do mundo do trabalho, uma vez que um filme é um produto cultural inscrito num determinado contexto sócio-histórico capaz de representar a realidade do mundo ao nosso redor (VANOYE, GOLIOT-LETÉ, 1994).

Interpretar a vida de personagens em um filme é estar consciente de algumas limitações, que ao nosso ver, apareceram neste estudo. Uma vez que a análise se limita ao que se está disposto em algumas horas de filme, onde se apresentam várias vidas, ambiguidades sobre os personagens e sua relação com a teoria predicada surgem. Por exemplo, os empregados da *Casa Grande*, Noêmia e Severino, ao nosso ver, se enquadram como batalhadores, mesmo que a linha entre ralé estrutural seja muito tênue - principalmente, pelo tipo de trabalho que exercem. Os indícios sobre foram buscados durante a análise do filme, e o capital familiar presente na constituição familiar de Noêmia e Severino, foram importantes para pensá-los como batalhadores. Mas faltam informações - outras características - para podermos afirmar com certeza a classe social a qual pertencem - ainda que indique mais como batalhadores do que como ralé estrutural. Por isso, vale ressaltar que a articulação teórica para e com o filme possui barreiras como estas.

Porém, a análise fílmica de *Casa Grande*, como recurso analítico e metodológico, permitiu um diálogo sobre os elementos que constituem as classes sociais e as relações de trabalho no contexto brasileiro, incitando análises e reflexões críticas sobre os fenômenos sociais que se apresentaram durante todo o presente estudo. Por isso, indicamos que para estudos futuros, seja considerado a aproximação teórica para e com filmes, de forma de ampliar olhares acerca dos temas escolhidos e oportunizar a interdisciplinaridade nas pesquisas.

REFERÊNCIAS

FLICK, Uwe, Uma introdução à pesquisa qualitativa. 3. ed., Porto Alegre: Bookman, 2009.

HARRIS, David, Evan.. “Você vai me servir”: desigualdade, proximidade e agência nos dois lados do equador. Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências , Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2007.

HUCZYNSKI, Andrzej; BUCHANAN, David. Theory from fiction: **A narrative process perspective on the pedagogical use of feature film**. Journal of Management Education, 2004, 28(6), 707-726.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes-conceitos e metodologia(s). In: VI Congresso Sopcom. **Anais...** 2009.

POCHMANN, Marcio. **Nova classe média?** O trabalho na base da pirâmide social brasileira. São Paulo: Boitempo. 2012.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y America latina. Lander, E. In: Colonialidad del Saber, Eurocentrismo y Ciencias Sociales. **Anais...** Buenos Aires: CLACSO-UNESCO, 2000.

SCHERDIEN, C. S.; SANTOS, B.; OLTRAMARI, A. Relações de trabalho e cinema : uma análise do filme "Que horas ela volta?" **Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade** [recurso eletrônico]. Belo Horizonte. Vol. 5, n. 12 (abril 2018), p. 130-197.

SCOTT, Joan, Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 16, n. 2, p. 5-22, .1990.

SOUZA, Jessé. **A classe média no espelho:** sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade. 1 ed.,Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros:** nova classe média ou nova classe trabalhadora?, 2 ed., Editora UFMG, 2012.

TEIXEIRA, Juliana. Cristina.; CARRIERI, Alexandra. PÁDUA.; Mafra, Flávia. Luciana. Naves. “A bichinha é safadinha”: o imaginário social sobre a empregada doméstica refletido em músicas brasileiras. In: Encontro de Estudos Organizacionais, VIII, 2014, Gramado. **Anais...** Gramado: EnEO, 2014.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne, **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas: Papyrus, 1994.